

FH aponta avanços na política de direitos humanos

Presidente diz que há dificuldades reais na sociedade, embora Governo tenha vontade política, o que é reconhecido no mundo

Roberto Stuckert Filho



Cristiane Jungblut

• BRASÍLIA. Na semana em que o Brasil receberá, pela primeira vez, o Prêmio de Direitos Humanos da ONU, o presidente Fernando Henrique Cardoso reconheceu ontem que a política do Governo na defesa dos direitos humanos esbarra em dificuldades reais do país. Ao falar sobre a importância da diplomacia para mudar a imagem do Brasil no exterior, na solenidade de inauguração da nova sede do Instituto Rio Branco, que prepara os diplomatas do Itamaraty, Fernando Henrique lembrou que o fato de o secretário nacional de Direitos Humanos, José Gregori, receber quinta-feira o Prêmio de Direitos Humanos da ONU é um reconhecimento dos avanços do Governo nessa área.

No segundo mandato de Fernando Henrique, a Secretaria de Direitos Humanos poderá se

transformar numa espécie de agência, com autonomia financeira e maior poder de atuação.

FH quer dar um perfil mais social ao segundo governo

A proposta de separar a secretaria do Ministério da Justiça já foi apresentada por Gregori ao presidente. Com a intenção de conferir um perfil mais social ao seu segundo governo, Fernando Henrique vai concentrar esforços em duas frentes: direitos humanos e projetos do Comunidade Solidária. Ontem, ele disse que o Governo deve servir aos despossuídos e não aos privilegiados.

— Hoje, o Brasil é reconhecido como um país que, oficialmente, respeita os direitos humanos. E, se não faz mais na prática, não é por falta de vontade política, mas é pelas dificuldades reais dos processos sociais — afirmou.

Fernando Henrique disse que o

Brasil tenta cumprir as diretrizes de organismos internacionais em áreas como os direitos humanos e o meio ambiente, mas nem sempre isso é possível. Até hoje, por exemplo, os responsáveis pelo massacre de 19 sem-terra, no Pará, em abril de 1996, não foram julgados. Naquele mesmo ano, o Governo criou o Plano Nacional dos Direitos Humanos, mas não conseguiu aprovar no Congresso o projeto que transfere das Justiças estaduais para a Justiça federal o julgamento de crimes contra os direitos humanos.

— Não nos colocamos na defensiva, como um país que se esconde porque tem problemas. Pelo contrário, renovamos nossas posições, colocamo-nos na vanguarda, embora reconhecendo que, muitas vezes, a vanguarda da política proposta não pode ser acompanhada de imediato por uma implementação que seja à al-

tura do que se propõe, porque as condições ainda não são suficientes na sociedade — disse.

Hoje, o Planalto começa a comemorar a premiação de Gregori na cerimônia de entrega do Prêmio de Direitos Humanos do Governo, que é dado todo o ano a pessoas e entidades que se destacam nesse trabalho.

— É a primeira vez que um brasileiro recebe esse prêmio. É um reconhecimento do trabalho que estamos fazendo — disse.

FH: No Brasil não é fácil pôr o bem público acima de tudo

O presidente disse que, num país complexo e injusto como o Brasil, não é fácil pôr o bem público acima de tudo.

— Isso significa colocar a administração do Brasil a serviço não dos privilegiados, mas dos que são os despossuídos, os que não dispõem de privilégios. ■